



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

A Universidade de Brasília Sob a Perspectiva de Promoção da Saúde no Contexto Acadêmico

Karoline Araujo de Castro Ferreira

Brasília - DF

2022



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

A Universidade de Brasília Sob a Perspectiva de Promoção da Saúde no Contexto Acadêmico

Karoline Araujo de Castro Ferreira

Monografia apresentada ao Curso de
Ciência Política, do Instituto de Ciência
Política, Universidade de Brasília, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Ciência Política.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Graziela Dias
Teixeira.

Brasília - DF

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força e sabedoria para poder concluir essa jornada na minha vida. Os meus mais sinceros e genuínos agradecimentos a minha mãe, Marilete, que acima de tudo confiou em mim e na minha capacidade de concluir essa caminhada, com toda a certeza eu não posso descrever em palavras a minha eterna gratidão por ter segurado as pontas e me oferecido todo apoio e suporte para que eu tivesse condições de seguir minha jornada até aqui, tenho ciência que não foi fácil postergar a necessidade de eu trabalhar para contribuir de fato com os custos financeiros dentro de casa.

Agradeço também a minha pessoa, que mesmo diante de tantos obstáculos conseguiu alcançar o sonho de se formar em uma universidade pública. Sou grata aos meus amigos e família, que fizeram com que esse período da minha vida fosse mais doce e divertido e também a todos que de alguma maneira ofereceram apoio nas situações em que duvidei do meu potencial e da minha capacidade de terminar essa trajetória na minha vida acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar de maneira ampla o tema de promoção da saúde e qualidade de vida no âmbito acadêmico, transpassando por temas relacionados à saúde física e mental do universitário, na perspectiva de compreender, de modo geral, as vertentes de sua vida que são afetadas por esse novo período. Dentro dessa linha de raciocínio, são examinadas algumas atividades realizadas pela CoAP, com a finalidade de depreender a relação da UnB e de sua Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária com as ações que promovam para sua comunidade melhor qualidade de vida.

Palavras Chaves: promoção da saúde, qualidade de vida e bem-estar, saúde mental, alimentação saudável, políticas públicas, Rede Brasileira de Universidades Promotoras de Saúde.

ABSTRACT

The present research is based on a broad analysis of the theme of health promotion and quality of life in the academic environment, passing through themes related to the physical and mental health of the university student, with a view to understanding, in general, the aspects of its life that are affected by this new period. Within this line of reasoning, some activities carried out by CoAP are examined, in order to infer the relationship of UnB and its Directorate of Health Care of the University Community with the actions that promote a better quality of life for their community

Keywords: health promotion, quality of life and well-being, mental health, healthy eating, public policies, Brazilian Network of Health Promoting Universities.

LISTA DE ABREVIACÕES:

DASU - Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária

UPS - Universidades Promotoras de Saúde

US - Universidades Saudáveis

REBRAUPS - Rede Brasileira de Universidades Promotoras da Saúde

UnB - Universidade de Brasília

OMS - Organização Mundial da Saúde

IES - Instituições de Ensino Superior

PS - Promoção da Saúde

OPS - Organização Pan-Americana de Saúde

CoRedes - Coordenação de Articulação de Redes para Prevenção e Promoção da Saúde

CoEduca - Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa

CoAP - Coordenação de Atenção Psicossocial

CoAVS - Coordenação de Atenção e Vigilância à Saúde

FONAPRACE - Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis

CSO/DSQVT - Coordenadoria de Saúde Ocupacional da Diretoria de Saúde, Segurança e Qualidade de Vida no Trabalho

FUP - Faculdade de Planaltina

FCE - Faculdade Ceilândia

FGA - Faculdade do Gama

SEI - Sistema Eletrônico de Informações

ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1: Principais Demandas do Intervenção em Crise do ano de 2020	35
Tabela 1: Principais demandas do Acolhimento Psicossocial	37
Tabela 2: Atendimento Psiquiátrico	38
Tabela 3: Atendimento Nutricional 2021	40
Tabela 4: Atendimento Nutricional 2022	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.PRINCIPAIS QUESTÕES RELACIONADAS À SAÚDE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA	13
1.1 AUTOESTIMA.....	13
1.2 CONSUMO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS	15
1.3 ESTILO DE VIDA ALIMENTAR	17
1.4 DEPRESSÃO E COMPORTAMENTO SUICIDA	20
2. AS UNIVERSIDADES PROMOTORAS DE SAÚDE	23
3. UNB COMO UNIVERSIDADE PROMOTORA DE SAÚDE.....	28
3.1 DIRETORIA DE ATENÇÃO À SAÚDE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA	29
3.2 CONFERÊNCIA UNB PROMOTORA DE SAÚDE	31
4. COORDENAÇÃO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL	34
a) INTERVENÇÃO EM CRISE	34
b) ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL INDIVIDUAL.....	35
c) ATENDIMENTO PSIQUIÁTRICO	37
d) NUTRIÇÃO DA COMUNIDADE ACADÊMICA	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Oliveira (2017) analisa o ingresso no âmbito universitário como um estágio de ruptura com as condições de existência experienciadas no decorrer da vida do iniciado, reconhecendo as perceptíveis mudanças no que diz respeito à vida afetiva e a relação com o espaço e tempo. Dessa maneira, o ingresso na universidade, por ser, na maioria das vezes, associado à saída da casa da família, constitui numerosas mudanças no que se refere à dinâmica constituinte da vivência habitual antes pré-estabelecida pelo âmbito familiar.

Diante desses constrangimentos recém-adquiridos junto à vida acadêmica, é possível notar uma série de responsabilidades que propiciam uma autonomia, em sua maioria, jamais experienciada anteriormente. Sendo comum mudanças referentes a forma de ver o mundo, relacionar-se afetivamente e, até mesmo, de hábitos alimentares.

Oliveira (2017) direciona atenção para a questão de que essa alteração de hábitos não ocorre apenas para o iniciado, em razão de que toda comunidade acadêmica, sendo eles: discentes, docentes, servidores, sem exceção alguma, sofrem influências da vivência universitária, manifestando diferentes e novos hábitos no decorrer de sua trajetória dentro dessa instituição.

Além disso, esses constrangimentos encontram-se potencializados a depender da dinâmica familiar, visto que estudantes de renda baixa, por via de regra, não são preparados para iniciação dentro de uma universidade, divergindo de alunos de renda superior e oriundos de escolas privadas, que, em contrapartida, são estimulados desde muito cedo ao ingresso ao nível superior (OLIVEIRA, 2017).

Como se não bastasse, é possível visualizar também os diferentes estímulos cognitivos e emocionais motivados pela convicção de que ingressar na universidade é uma das únicas formas de mobilidade e ascensão social. Consequentemente, esses estímulos afetam de inúmeras maneiras a vida do acadêmico, sendo capaz de levar a mudanças bruscas no estilo de vida, resultando em práticas menos saudáveis de acordo com o tempo de exposição a instituição de ensino (BRITO; GORDIA; QUADROS, 2016).

No Brasil, o desenvolvimento de políticas institucionais com integração nacional direcionada a política de Promoção à Saúde nas universidades ainda é quase inexistente, em contraponto, em outros países dentro da América e Europa, movimentos surgiram em torno dessa causa, como as Universidades Promotoras de Saúde (UPS) ou Universidades Saudáveis

(US), que são programas direcionados para a Promoção da Saúde e Qualidade de Vida dentro do contexto acadêmico (OLIVEIRA, 2017).

Com o entendimento que uma universidade saudável é aquela que mantém um princípio de promoção de saúde dentro da população acadêmica, com iniciativas que visam estabelecer um contato maior com a comunidade, de maneira que consiga auxiliar e compreender suas necessidades individuais para manter o seu bem-estar (HOLT; POWELL, 2017), essas universidades compreendem saúde como sendo parte essencial que compõe o ambiente universitário, agarrando a causa e mantendo-se em um patamar de preocupação e de responsabilidade social em relação à comunidade acadêmica, preservando políticas institucionais que promovam qualidade de vida e saúde.

A Universidade de Brasília, em abril de 2018 sediou o I Encontro da Rede Brasileira de Universidades Promotoras de Saúde, com intenção de incentivar outras 18 Universidades que participavam da conferência, a conceber, junto a ela, a Rede Brasileira de Universidades Promotoras de Saúde (REBRAUPS). Como resultado, ocorreu a oficialização da rede no ano seguinte, logo após, a universidade começou a adotar pautas direcionadas a política de Promoção à Saúde, dessa forma, desde o ano citado, a instituição segue promovendo oficinas e atividades que possuem objetivo de acolher e direcionar a comunidade universitária a adotar um estilo de vida saudável, oferecendo, dessa maneira, uma maior qualidade de vida para o seu contexto acadêmico.

Dessa forma, o tema no qual pretendo me debruçar no presente trabalho, será: “A Universidade de Brasília Sob a Perspectiva de Promoção da Saúde no Contexto Acadêmico”. A escolha deste assunto dialoga não só com a atualidade, como também entra em consenso com a relevância que a agenda de políticas de Promoção à Saúde tem sido tratada no período atual. Ademais, esse tema colabora com a expansão de conteúdo acerca das Universidades Promotoras de Saúde e sobre os programas voltados à Promoção da Saúde e Qualidade de Vida na conjuntura acadêmica brasileira.

Portanto, a partir da ciência da importância de uma Universidade Promotora de Saúde, assim como da inserção da UnB nesse movimento, a principal questão que surge é: como vem sendo a atuação da Universidade de Brasília no que diz respeito às ações de Promoção da Saúde para com a comunidade universitária?

O período escolhido para análise é de 2019 até Junho de 2022, dito isso, vale ressaltar que o presente artigo analisará as principais ações desempenhadas pela Coordenação de Atenção Psicossocial (CoAP) da Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária

(DASU), evidenciando e entendendo seu impacto na Universidade de Brasília desde a sua criação e inserção da universidade na REBRAUPS. Ademais, a escolha desse local provém da noção de que a pesquisadora estuda na instituição, além de ter sido bolsista da diretoria utilizada para o desenvolvimento da análise, dessa forma, o conhecimento prévio, obtido acerca das atividades desempenhadas pela Diretoria, a auxiliará no andamento da investigação.

No entanto, a escolha desse local deve-se também ao fato de que a universidade escolhida é pioneira dentre as instituições superiores brasileiras a inserir-se no movimento internacional de Universidades Promotoras da Saúde, além de ter sido importante no que diz respeito ao estabelecimento da Rede Brasileira de Universidades Promotoras de Saúde, logo, estudos com essa linha de pesquisa preenchem a carência de ensaios, análises e pesquisa na área selecionada, contribuindo na difusão do movimento de UPS no Brasil, servindo de base para pesquisadores com o objetivo de conhecer, estudar e analisar esse movimento com suas periculosidades e magnitude. Por outro lado, esse estudo também visa instigar a participação de outras instituições que se identifiquem e busquem elaborar projetos de UPS, viabilizando a aproximação com outras universidades que acolhem o movimento.

O presente trabalho, desse modo, possui como finalidade investigar as potencialidades da Universidade de Brasília (UnB) como Universidade Promotora de Saúde (UPS), ao analisar as atividades realizadas pela Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DASU) por meio da Coordenação de Atenção Psicossocial (CoAP), assim como dispõe de pretensão de identificar proximidades e lacunas em relação à Promoção da Saúde na instituição.

Além do mais, também será exposto as propostas elaboradas pelos estudantes, professores e servidores da instituição na I Conferência UnB Promotora da Saúde, realizada em 2020, com o intuito de compreender as necessidades da comunidade acadêmica em relação a promoção da saúde no ambiente universitário, tendo em vista que essa análise exploratória diz respeito também às considerações, motivações e expectativas dos componentes da universidade em relação à promoção da saúde na instituição.

A referente pesquisa, com isso, dispõe inicialmente da revisão de literatura relativa à Promoção da Saúde e Qualidade de vida no Contexto Acadêmico, com intenção de expor fatos e pesquisas científicas que defendem e fundamentam a necessidade de um olhar de afeição diante a saúde da comunidade universitária, destarte, a revisão bibliográfica exposta, desempenha o papel, sobretudo, de explicitar o contexto da temática examinada, assim como

de possibilitar uma compreensão mais detalhada das especificidades dos objetos de pesquisa analisados (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, pp. 8-9).

Dado o exposto, como parte componente da pesquisa, será possível visualizar um levantamento bibliográfico direcionado a expor a necessidade de estimular políticas de promoção à saúde dentro do meio acadêmico. Assim como de divulgar e apresentar os pormenores e o desenvolvimento do movimento de UPS, descrevendo dentro de uma perspectiva de atualidades sobre a rede e especificidades da sua organização, além, sobretudo, de expor o desenvolvimento científico do movimento em questão na literatura brasileira.

Como material de pesquisa, diferentes meios foram utilizados, tanto websites com temáticas direcionadas ao movimento, como fontes bibliográficas extraídas desses, assim como artigos à disposição no *Google Academic*. Isto posto, pretendo explorar e analisar a maneira que a temática é abordada nos artigos científicos, com suporte da revisão de literatura processada pela base de dados do *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* e da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Posteriormente, uma análise a respeito da abrangência e do acolhimento da temática dentro da Universidade de Brasília será apresentada, realizando um estudo de caso referente à instituição no movimento de UPS, retratando, dessa forma, a inserção da Universidade de Brasília no movimento, expondo a análise de dados que será realizada a partir de algumas ações da instituição no que tange à Promoção da Saúde, com a finalidade de compreender o processo de constituição e desenvolvimento das atividades especificadas ao decorrer da investigação.

A estrutura do estudo, portanto, conterà a identificação das urgências da comunidade acadêmica apresentadas na I Conferência UnB Promotora da Saúde, em adição também terá informações coletadas na documentação de transparência da CoAP, que contém dados referentes às ações realizadas pela Coordenação no decorrer do ano de sua criação até Junho do ano de 2022, incluindo aquelas ações direcionadas às atividades realizadas durante a pandemia da COVID-19.

1. PRINCIPAIS QUESTÕES RELACIONADAS À SAÚDE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA

A entrada na universidade significa para o universitário o ensejo de desenvolver novas experiências em conformidade com seu processo intrapessoal e individual, com o objetivo de compreender acerca de sua personalidade e identificação, no entanto, a vivência de uma nova perspectiva pode ser negativa para esses jovens, pois a autonomia imposta a eles pode submetê-los a situações de risco, demonstrando a vulnerabilidade que o âmbito acadêmico poderia os expor (SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS, 2010).

Mascarenhas e Pais-Ribeiro (2011) chegaram à conclusão que existe uma forte necessidade de prevenir transtornos psicológicos que possam levar a comunidade acadêmica a desenvolver ansiedade, estresse e problemas relacionados a eles, assim como a necessidade de restabelecer um quadro de saúde estável quando esses problemas já se instauraram, uma vez que, quando encontram-se nesse estado, o processo de ensino-aprendizagem já se encontra comprometido, além de sua sanidade e qualidade de vida que, diante dessa situação, geralmente já estão prejudicadas.

Em concordância com Oliveira (2017), Mello, Moysés e Moysés (2010) pontuam a interferência da vida universitária na comunidade acadêmica e constatam que essa organização pode implicar em experiências que influenciam de maneira negativa a saúde de todos os envolvidos. Da mesma maneira, defendem conjuntamente que a instituição de ensino superior, por ser um ambiente de contato habitual, no qual é possível manter relações interpessoais, assim como intrapessoais, desfrutar de momentos de lazer, aprendizado e ocupar-se profissionalmente, pode vir a acarretar, ao conjunto que compõe a comunidade acadêmica, uma carga emocional, por vezes, muito intensa. Estimulando, diante disso, uma série de comportamentos autodestrutivos, sejam: o uso de drogas; a utilização, em excesso, de medicamentos psicotrópicos; compulsões alimentares; e comportamentos suicidas.

1.1 AUTOESTIMA

Uma nova perspectiva surgiu ao analisar a autoestima como uma importante interferência no âmbito e na vida acadêmica, em virtude do poder decisório no futuro do estudante, definindo o seu fracasso ou sucesso existencial. Sendo um processo proveniente da

autoavaliação, a autoestima, compreendida como um juízo de valor que decorre da satisfação e insatisfação do sujeito no que diz respeito a si, segue sendo estudada como referência dentro dos indicadores de saúde mental (SCHULTHEISZ; APRILE, 2013).

A autoestima está diretamente relacionada com a maneira na qual metas são estabelecidas e expectativas são geradas, estabelecendo comportamentos de valorização e aceitação acerca do outro. Permanecendo prontamente relacionada com a questão da confiança, uma vez que a autoestima elevada capacita o indivíduo a lidar com maior confiança frente os dilemas nos quais possam vir a surgir e que exijam tomadas de decisão (ANDRADE; SOUSA; MINAYO, 2009).

Na opinião de Branden (1995), a autoestima é entendida como a capacidade de agir de maneira ágil frente aos problemas corriqueiros encarados no decorrer da vida, sendo utilizada como medida para definir o mérito para felicidade. Dessa maneira, é possível compreendê-la como responsável pela manutenção da vida, uma vez que define os comportamentos do indivíduo, podendo afetar sua postura frente às adversidades enfrentadas na sua trajetória existencial, definindo o sujeito como passivo ou ativo frente aos conflitos.

Segundo Castro e Almeida (2016), o comportamento de autoestima em estudantes universitários não está restrito aos estímulos obtidos dentro do meio acadêmico, mas também pelo bom desempenho do bem estar psicológico. Atuando como ferramenta essencial para o bem estar psicológico, a autoestima é consequência de estímulos contínuos e cotidianos, sofrendo uma grande influência do ambiente, mantendo sua essência nas relações interpessoais, dado que influenciam tanto na construção da autoestima que, conseqüentemente, resultam na construção de uma identidade pessoal (PEREIRA, 2017).

Dessa forma, é possível identificar que o ambiente acadêmico pode influenciar comportamentos de risco à saúde das pessoas que o integram, sendo a estrutura adotada pela instituição fator decisório na saúde dos seus integrantes.

Dentro do âmbito universitário, é possível perceber diferenças substanciais entre estudantes com baixa e alta autoestima. Haja vista que a autoestima, por desenvolver um papel de defesa frente às situações de exposição a altos níveis de estresse, atua como fator de distinção entre alunos com alta autoestima, uma vez que esses lidam melhor com estímulos estressantes, situação que diverge do contexto dos estudantes com baixa autoestima, visto que apresentam sinais de risco, como uma maior instabilidade e perda de autocontrole frente certos fatores dentro do contexto acadêmico (CABANACH, 2014).

Dessa maneira, é possível perceber que a autoestima e a performance acadêmica possuem uma relação de convergência positiva, uma vez que, altos índices de autoestima

resultam em uma alta performance nas atividades universitárias e baixos índices de autoestima estão relacionados a um baixo desempenho no rendimento acadêmico (SILVA; VIEIRA, 2015).

Com o propósito de buscar na literatura projetos com a finalidade de prevenir o desenvolvimento de baixa autoestima com conseqüente comportamento suicida no meio acadêmico, é possível notar limitados tópicos abordados, referindo-se, em sua maioria, à promoção da saúde e promoção de qualidade de vida. Logo, evidencia-se a importância do estabelecimento de ambientes saudáveis não constituídos por manipulações e exposições a estímulos negativos, assim como a necessidade de instaurar rodas para interações positivas, caracterizadas por debates saudáveis e harmoniosos sustentados pelo conhecimento científico (MARCOLAN, 2018).

1.2 CONSUMO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS

Bisinoto e Marinho (2014) apontam que a formação no nível superior não está relacionada somente com a questão do conhecimento, cultura e qualificação de futuros profissionais, sendo também encarregada pelo desenvolvimento pessoal dos indivíduos, uma vez que “funções novas e mais complexas na constituição psicológica dos sujeitos surgem em virtude da natureza das experiências sociais nas quais estão inseridos” (BISINOTO; MARINHO, 2014).

Segundo Mello, Moysés e Moysés (2010), a instituição universitária, ao passo de ser um âmbito com um contexto de vivências de abuso de drogas lícitas e ilícitas, são ambientes pertinentes para o desenvolvimento de práticas de promoção da saúde.

A problemática no que se refere ao uso de drogas psicoativas é um assunto que demanda grande atenção social, na medida que a proporção de uso é bastante presente na vida de adolescentes e jovens adultos, tornando os universitários um grupo exposto à maior vulnerabilidade frente a utilização frequente dessas drogas (SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS, 2010; BRITO; GORDIA; QUADROS, 2016).

Inquestionavelmente, esse tópico é de extrema importância, uma vez que acarreta danos à conjuntura social brasileira, visto que afeta diversos campos sociais e interfere de forma acentuada, não somente na vida dos usuários, mas também na dos indivíduos que o cercam. Dessa forma, é necessário que o debate acerca do uso de drogas seja fundamento para ações arquitetadas e estratégicas em várias vertentes, principalmente em decorrência da relação da problemática com a definição de vulnerabilidade (BRASIL, 2011).

De acordo com um dossiê elaborado em 2012/2013 a respeito dos Problemas Comportamentais Ligados ao Uso de Álcool, grande parcela dos indivíduos que consomem álcool possui potencial para serem classificados como abstêmios ou usuários de álcool de maneira leve a moderada. As informações contidas no estudo também indicam que dentro de um grupo com pessoas que fazem uso de bebidas alcoólicas, uma em cada três indivíduos apresentam o consumo de forma excessiva, geralmente o uso costuma ser de quatro ou mais doses de bebidas alcoólicas em um único momento, gerando, desse modo, expressivos danos para o indivíduo, como por exemplo, a dependência do álcool (ANDRADE; SILVEIRA, 2013).

Esse uso excessivo em ocasião única pode ser explicado a partir da relação existente entre as pressões dos grupos com a tomada de decisão pessoal de cada indivíduo, ou seja, a influência de um grupo sob um determinado sujeito pode ser tão grande ao ponto de fazer com que essa pessoa assuma decisões imprudentes pela simples sensação de pertencimento (COMELLO; SLATER, 2011).

Dessa forma, as relações interpessoais entre jovens, em sua maioria, é fomento para a aproximação das drogas, pois a necessidade de integrar-se a um grupo pode estimular esses indivíduos a experimentarem substâncias ilícitas, colocando-se em risco na justificativa de provar serem dignos de pertencer a determinado grupo. Dito isso, é muito importante que haja a compreensão que esse assunto não se refere somente a área da saúde, tratando-se de uma ampla questão social, portanto, é muito pertinente que as universidades e autoridades públicas tomem consciência dos fatores que elucidem a fonte e a perpetuação desse consumo (FORMIGA; OMAR; AGUIAR, 2010).

Comello e Slater (2010) demonstram que o constante comportamento arriscado de um jovem pode ocorrer devido ao impulso em circunstâncias que o intimidam a perpetrar a vontade da maioria, enfatizando a demanda de ambientes favoráveis para comportamentos positivos, haja vista que em outras situações em que não há o constrangimento de seguir um determinado grupo, o indivíduo não tomaria essa decisão, respeitando a sua própria perspectiva e vontade.

Compreende-se que uma das maneiras viáveis de combate ao uso das drogas encontra-se na utilização dos âmbitos universitários para debate, conscientização e capacitação sobre as consequências do consumo de entorpecentes. Essas organizações podem ser empregadas de forma positiva, uma vez que são espaços coletivos estratégicos que possibilitam discussões no que se concerne aos impactos dos psicoativos sobre a vida humana, desse modo, é imprescindível, de acordo com estudos sobre saúde na esfera acadêmica e social, a grande importância que esses ambientes englobam na realização de ações de Promoção da Saúde que

viabilizem aos estudantes de nível superior possibilidades de desfrutarem de práticas que melhoram sua qualidade de vida (MELLO; MOYSES; MOYSES, 2010).

É primordial o desenvolvimento de projetos que visem conscientizar e alertar os estudantes a respeito dos limites do consumo do álcool e também das consequências do uso excessivo, além do mais, autores pontuam a magnitude de construir políticas que regulamente e imponha limites na distribuição de bebidas em eventos acadêmicos e também nas divulgações de eventos que sejam open-bar, reflexionando o valor de oficinas e encontros que não possuam bebidas alcoólicas (PILLON; CORRADI-WEBSTER, 2006).

Ademais, o consumo em grande quantidade de bebidas alcoólicas pode expor os alunos a diversos riscos, como acidentes de trânsito, condutas de violência, intoxicação, problemas acadêmicos e legais, sexo desprotegido e abuso sexual (SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICA ANTIDROGAS, 2010).

Oliveira (2017), ressalta que o momento de ingresso a universidade representa a inserção de novos desafios e diferentes constrangimentos, agora representados pela necessidade de adaptação a novas responsabilidades e ao controle de tempo. Em concordância, Hérnan, Ramos e Fernandez (2001) apontam a relevância de pensar em projetos e estratégias de ações de promoção à saúde que reflitam as especificidades dos grupos, com pautas que estejam direcionadas à autonomia, liberdade, potencial de saúde e bem-estar dos jovens.

É proposto, para as instituições superiores, o cumprimento de alguns métodos de promoção à saúde, como a instituição de políticas saudáveis e projetos de perspectiva sustentável, com o objetivo de promover um espaço de trabalho saudável, com atenção primária à saúde, assim como assistência à comunidade universitária. Para mais, salienta-se também que essas abordagens estimulem os estudantes e trabalhadores da organização a evoluir de forma pessoal e social, estendendo a área de orientação acadêmica para também de promoção à saúde e qualidade de vida, permitindo, desse modo, uma maior atuação e colaboração da universidade com os agentes da comunidade (MELO; MOYSES; MOYSES, 2010).

1.3 ESTILO DE VIDA ALIMENTAR

As mudanças provocadas pela entrada na universidade podem ser refletidas na alimentação dos universitários, haja vista que muitas vezes estes precisam se responsabilizar por suas refeições diárias, em que seu comportamento alimentar muitas vezes se resulta em práticas danosas à saúde (ALMEIDA, et al., 2013).

A saída de casa provocada pela entrada no ensino superior gera ao indivíduo uma rotina que muitas vezes necessita de alimentos que são de preparo rápido e fácil, assim sendo, a praticidade dos produtos industrializados se tornou muito aderida por estudantes de ensino superior, resultando-se em danos que afetam sua saúde física, uma vez que esses produtos possuem alto valor calórico e sua composição contém pouquíssimos nutrientes fundamentais.

Esse comportamento produz impacto também na redução da prática de atividade física, o que implica, para além disso, na diminuição do consumo de frutas e hortaliças, provocando para o indivíduo uma forte redução na ingestão de cereais integrais, verduras, leguminosas, tubérculos e raízes, resultando, por via de regra, na fragmentação da conexão e proporcionalidade existente entre aprendizado, saúde, energia e prazer (CANSIAN et al, 2012).

A otimização do desenvolvimento acadêmico e das relações sociais e culturais causa acentuada preocupação na vida desses alunos, estabelecendo, dessa forma, maior espaço em suas demandas particulares, o que diminui potencialmente a relevância da alimentação saudável em seu dia a dia (FEITOSA et al, 2010).

Consequentemente, essa conduta acarreta efeito negativo para a vida desses indivíduos, uma vez que o ritual alimentar é composto somente por maus hábitos influenciados tanto pelas recém-adquiridas relações sociais, quanto pela ansiedade que pode gerar para essas pessoas um comportamento alimentar baseado em buscas pelo prazer diante de cenários estressantes ao seu bem estar físico e mental (FEITOSA et al, 2010).

O estresse tem capacidade de modificar o hábito alimentar de um indivíduo, segundo estudos, as evidências demonstram que por influenciar a tomada de decisão no que se refere a seleções de alimentos, ele promove na vida do indivíduo predileções por comidas que possuem alto valor energético e maior possibilidade de proporcionar prazer, o fazendo, no processo de tomada de decisão, priorizar refeições ricas em gordura e açúcar (PENAFORTE; MATTA; JAPUR, 2016).

Esses alimentos com alto valor energético tem capacidade de produzir emoções positivas e trazer a memória humana a sensação de bem estar, desse modo, o consumo do alimento se vincula com o sentimento de recompensa, em que todo esse procedimento é realizado com o objetivo de ocasionar ao indivíduo alívio emocional através da comida (PENAFORTE; MATTA; JAPUR, 2016).

Capta-se, portanto, a ligação existente entre as justificativas de fundamento emocional e hedônico que conduz e fomenta o consumo alimentar desses jovens. Ademais, destaca-se que não somente por esses fatores a escolha alimentar é influenciada, sendo também por questões sociais, como o contexto de vida e ambiente pelo qual o indivíduo está submetido, o que pode

ser negativo para a comunidade acadêmica, levando em consideração toda carga transacional que esta acaba sendo exposta e que pode potencializar todo um desequilíbrio psíquico (PENAFORTE; MATTA; JAPUR, 2016).

Dessa forma, pode-se perceber que a qualidade de vida dos alunos de ensino superior está associada diretamente a momentos que estes vivenciam em sua vida particular e estudantil, na maneira que se comportam frente aos desafios da vida, sendo a alimentação um dos principais fatores impactados por toda essa modificação de conjuntura, tendo em vista seu papel na produção de qualidade de vida e na dinâmica de prevenção e tratamento de doenças.

A modificação no hábito alimentar, isto posto, pode ter forte associação com a obesidade, principalmente ao refletir sobre a perspectiva de que a sociedade se encontra em uma cultura de elevado consumo de produtos ultraprocessados, na qual essa conduta, de acordo com pesquisas, está ligada diretamente com o aumento de peso (MONTEIRO; LOUZADA, 2015).

A alimentação consumida pelo indivíduo, no ponto de vista de Poulain e Proença (2003), é decifrada ao conectar elementos psicológicos, fisiológicos e socioculturais, demonstrando, assim sendo, a complexidade que se trata o processo alimentar individual. Com isso, verifica-se que saúde e nutrição se interrelacionam, em que o padrão alimentar é reconhecido como agente fundamental para a promoção de bem estar físico e prevenção e tratamento de doenças (SICHIERI et al., 2000).

O diabetes mellitus é definido como uma doença crônica caracterizada pelo déficit parcial ou completo do fornecimento de insulina, provocando, na vida diária do indivíduo, diversas sensações e emoções nocivas. Com o conhecimento acerca do papel da alimentação para o desenvolvimento da obesidade e a compreendendo como um dos motores que estimula o aparecimento da diabetes, haja vista que unida ao comportamento sedentário a produção de insulina é aumentada, repercutindo na minoração dos receptores que provoca a diabetes, percebemos que a obesidade atua como um dos agentes elementares para o desenvolvimento dessa (IZZO; VIEIRA; NOVELLO; SALDAN; D'AGOSTINI, 2013).

A respeito da alimentação ainda, depreende-se que a terapia nutricional é postulada como um agente com potencial acentuado no tratamento de diabetes mellitus (BARBOSA; ALMEIDA; FIGUEIREDO; NEGROMONTE; SILVA; VIANA; GALVÃO, 2015).

Dessa forma, pela ótica de que as universidades são ambientes pertinentes para a fomentação de práticas alimentares prejudiciais para a saúde, desempenhando participação

significativa nos quadros de sobrepeso e obesidade e possuem papel fundamental na sociedade por sua produção de novos conhecimentos e incentivo a pesquisa, além de também ser uma instituição em que os indivíduos passam tempo integral, seja por ser estudante ou servidor, compreende-se a significância em instituir políticas públicas de promoção de alimentação saudável e adequada.

Ademais, ao falar em alimentação saudável e preocupação com o estado físico e nutricional da comunidade acadêmica, torna-se inviável não pensar em diabetes e obesidade, uma vez que são doenças que afetam acentuadamente a saúde mundial, sendo uma questão de saúde pública, destarte, pensar em promoção da saúde no contexto acadêmico é ponderar para além dos muros acadêmicos.

1.4 DEPRESSÃO E COMPORTAMENTO SUICIDA

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPS, 2018), a depressão afeta em torno de 300 milhões de pessoas e é considerada mundialmente como a principal razão de casos de inaptidão,

Grande parcela dos universitários que compõe as instituições federais do Brasil se encontram no intervalo etático de 18 aos 29 anos (FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS, 2019), é importante salientar que esses jovens adultos estão situados em um período com forte tendência à vulnerabilização do processo de desenvolvimento, em que estão propensos a tomarem escolhas significativas em suas vidas, além também de passar sucessivamente por inúmeras transformações marcantes e por diversas pressões sociais (SOUZA, 2017).

Dessa forma, esse estágio tem predisposição a ser acentuadamente arriscado para os estudantes, uma vez que podem se deparar com comportamentos desconfortáveis que atingem sua saúde mental e que geram, desse modo, estopins emocionais com forte potencialidade de aumentar o nível de estresse (SILVEIRA; BRANDÃO; ROMA-TORRES, 2011).

Ao refletir a respeito da saúde mental do estudante de ensino superior, é relevante citar que apesar deste já lidar com adversidades que fazem parte da sua evolução humana e são intrínsecas a sua juventude, o ambiente universitário tem grande capacidade de cooperar para o aparecimento de distúrbios psíquicos, podendo, inclusive, intensificar aqueles já pré-existentes (BARROSO; OLIVEIRA; ANDRADE, 2019).

Seguindo essa linha de pensamento, Rhodes (2014) constata ser frequente que estudantes tenham a sensação de solidão no primeiro ano do ensino superior, relaciona-se essa questão ao fato de estarem inseridos em um novo ambiente, começando um novo ciclo da vida que, inclusive, é composto por diversas situações com alto índice de estresse e frustração. Além do mais, o efeito negativo nesses indivíduos é tão acentuado, que o autor identifica que os alunos mais solitários possuem maior tendência a desenvolver distúrbios mentais e físicos, dessa forma, conclui-se que esses períodos introdutórios do ensino superior podem ter forte ligação com a solidão e com sintomas de depressão.

As análises e estudos acerca da depressão demonstram que o sentimento de solidão é um grande agente de risco para o transtorno, além de ser um grande fomentador de efeitos negativos na saúde mental e física do sujeito (HACKETT ET AL., 2012).

A solidão é qualificada como um estado psicológico vulnerável que leva o indivíduo a se isolar socialmente devido a sentimentos negativos com predisposição a se tornarem arriscados para sua vida pessoal (TYLER ET AL., 2011). Ademais, estudos também consideram que a solidão é um sentimento baseado na identificação e sensação de não pertencimento, na qual o homem entende que suas necessidades não são percebidas em suas relações, seja pela falta ou pela pouca qualidade (ELLWARDT ET AL., 2013).

Em harmonia com esses autores, um estudo realizado em 2019 do FONAPRACE revela que 83,5% dos estudantes de ensino superior se encontram em uma situação de vulnerabilidade emocional que afeta diretamente sua vida acadêmica, ademais, 23,7% desses universitários refletem que suas questões emocionais prejudicam diretamente sua performance acadêmica. Observa-se também nesse estudo que 23,5% dos universitários evidenciam a solidão como uma das principais queixas emocionais, o que acaba entrando em concordância com a análise de Souza (2017) que identificou em uma amostra de universitários que 47% desses carregavam consigo a impressão de serem pessoas solitárias.

A solidão tem como característica a capacidade de gerar problemas cotidianos na vida do sujeito, assim como exposto por Cacioppo et al. (2006), o sentimento tem ligação com a baixa autoestima, ansiedade elevada, timidez, depressão, além de diminuir potencialmente as habilidades sociais do sujeito.

Rhodes (2014) apresenta em seu estudo, ao investigar a presença de sofrimento psíquico nos calouros, que déficits nas habilidades sociais podem intensificar a manifestação de sentimentos negativos nos acadêmicos, gerando problemas na saúde física e mental desses, como o aparecimento de transtornos psiquiátricos. As adaptações necessárias para as novas demandas dos indivíduos ao adentrar o cenário acadêmico exigem mecanismos cognitivos e

emocionais, (VERÍSSIMO; COSTA; GONÇALVES; ARAUJO, 2011), haja vista que a presença de sofrimento emocional pode agravar a saúde mental.

O comportamento suicida é categorizado em três camadas, sendo elas: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. Essa conduta é notada entre os jovens na medida que esses são uma população com forte potencial comportamental negativo, dado que se encontram em um período com grande predisposição de gerar sentimentos negativos e angústias (CORREA; BARRERO, 2006).

Ao discorrer sobre ideação suicida, compreende-se que se trata de considerações autodestrutivas sobre a própria vida, esse comportamento pode abarcar pensamentos, intenções, práticas e planejamentos que levam o sujeito a projetar sua morte. Esporadicamente, a presença de pensamentos suicidas pode ocorrer na vida humana, tendo em vista que pertencem ao desenvolvimento do ser, em sua jornada da infância para a adolescência, no processo de compreensão do sentido da existência humana (OMS, 2000).

O pensamento suicida, no entanto, é considerado prejudicial ao sujeito quando se torna intenso e constante, a partir do momento que esse enxerga a morte como única solução para seus problemas cotidianos. A tentativa de suicídio, por sua vez, se concerne na ação que não obteve resultado fatal, em que o indivíduo pratica o ato, no entanto não consegue ter êxito e consumir a morte (CORREA; BARRERO, 2006).

A possibilidade de alcançar uma trajetória de sucesso devido a entrada na universidade gera na vida do estudante diversas expectativas e ilusões, conseqüentemente, sua saúde mental fica vulnerável à adaptação desse novo ambiente que tem potencial de repercutir em crises existenciais e doenças mentais intensas que, no seu limite, podem se estender para essas crises suicidas.

2. AS UNIVERSIDADES PROMOTORAS DE SAÚDE

A Carta de Ottawa (1986) esclarece que a saúde é representada pela vivência dos indivíduos dentro das atividades que compõem o seu dia a dia. Dessa forma, a saúde pode ser definida como sendo a junção de fatores que constituem o indivíduo, sendo representada pelo cuidado do sujeito consigo mesmo e para com os outros, pela capacidade de se orientar dentro das escolhas e das questões estabelecidas no decorrer da sua vida, tornando-o capaz de conseguir manter o equilíbrio e estabelecer o controle das circunstâncias da própria vida, assim como pela constante busca por compreender e auxiliar no processo de bem-estar e saúde mental do Outro.

É recorrente concepções errôneas a respeito da conceituação de Promoção da Saúde, reduzindo sua relevância, posto que, em via de regra, é compreendida apenas como um processo de prevenção de doenças ou até mesmo como projetos direcionados, exclusivamente, para elaboração de propostas de mudanças de hábitos.

A percepção de saúde ocasionada pela inexistência de doenças, retém atenção voltada apenas à saúde organizada pela perspectiva médico curativa, logo, por ser realizada somente em clínicas e hospitais, está relacionada diretamente ao tratamento de patologias. A percepção da saúde de forma ampla, por outro lado, fomenta que questões relacionadas a esse setor, não diz respeito somente à esfera da saúde, necessitando do suporte de uma vasta estrutura de políticas que carecem de intervenções, tanto intersetoriais quanto interdisciplinares (OLIVEIRA, 2017).

Isto posto, é importante o entendimento da concepção ampliada de saúde, exigindo essa compreensão por parte dos dirigentes, reitores e conselheiros das universidades, dado que existe a necessidade de assumirem a responsabilidade de inserção de ações referentes à Promoção da Saúde dentro dessas instituições.

É necessário pensar na universidade como ponto estratégico de difusão de ideias, uma vez que viabiliza a atuação dentro de uma coletividade pertencente a diversos espaços e contextos sociais, na qual, o sujeito ao concluir seus objetivos dentro da instituição, dispõe de potencial para difundir conhecimentos referentes à Promoção da Saúde em esferas que excedem os limites do meio acadêmico. Compreendendo que a promoção pode ser estimulada por outros setores, além do de saúde (OLIVEIRA, 2017).

Dessa maneira, o Brasil, desde o ano de 2010, adotou uma política nacional de Promoção de Saúde, apesar desse movimento não abranger as instituições universitárias, em

linhas gerais, expressa a premência de fazer saúde não apenas nos setores designados à saúde, como também em outros espaços. Logo, identifica-se que o Ministério da Saúde reconhece a demanda de ampliar para além dos limites interpostos que pré-estabelecem a saúde como assunto direcionado apenas ao setor da saúde (OLIVEIRA, 2017).

De acordo com um estudo realizado em 2018, as universidades públicas brasileiras, mesmo sendo responsáveis, no ano de publicação, por apenas 24,3% das matrículas na educação superior brasileira, são encarregadas de 83% das matrículas nos cursos de mestrado e doutorado, sendo responsáveis por mais de 95% da produção acadêmica de novos conhecimentos. Assim sendo, além de formar a elite intelectual e política brasileira, a universidade pública tem forte papel estratégico para o desenvolvimento autônomo e soberano do Brasil e por isso há necessidade de desenvolvimento no âmbito da promoção a saúde, pois são incumbidas da formação dos cidadãos e dos profissionais necessários para o desenvolvimento do país (CAMARGO, 2018).

Camargo (2018), nessa linha de pensamento, defende que a atenção à saúde estudantil é essencial não só para a qualidade de vida dos integrantes que compõem a universidade pública, como também para o desenrolar do desenvolvimento no país, haja vista que essa instituição forma grande parte da produção de pesquisa acadêmica no Brasil.

A universidade tem como produto o conhecimento, encorajando indivíduos a potencializarem suas habilidades e se tornarem excelentes profissionais, assim sendo, o âmbito universitário é caracterizado por oferecer trocas, tanto experienciais, quanto de ideias e contemplações acerca de quadros sociais, políticos, econômicos e educativos que fornecem a população a ideação de uma sociedade mais democrática (TSOUROS, DOWDING; THOMPSON; DOORIS, 1998). A universidade, dessa forma, com suas profusas estruturas históricas e territoriais, é a entidade autossuficiente que criteriosamente gera e transpassa cultura por meio da pesquisa e da docência (MATTEUCI, 1991, p. 283 apud GENRO, 2004).

O ensino superior, com seu estímulo ao âmbito de pesquisa, didática e inovação tecnológica, é reconhecido por manter uma posição de destaque no campo de iniciação científica, desse modo, apresenta-se como um espaço com alta aptidão para o incentivo de ações e debates sobre promoção de saúde e estabelecimento de ambientes saudáveis nesses contextos, sendo relevante considerar os aspectos individuais da população acadêmica para assim traçar uma linha de mudanças que devem ser encorajadas dentro da universidade (PONTE; FONSECA; CARVALHAL, 2019).

Ferreira (2017) apresenta dados de mudança no perfil dos universitários no transpassar dos anos, decorrente das políticas de ingresso na universidade que possibilitaram o acesso de

estudantes de escolas públicas ao ensino superior. Com a compreensão da passagem do ensino médio para o ensino superior como um processo complexo para o indivíduo, Ferreira (2017), ao dissertar a respeito dessa transição, demonstra que a possibilidade de fracasso do estudante no primeiro período pode ser justificada a partir de três elementos, sendo estes o fato do ensino superior ser voltado para adultos, o que é problemático, uma vez que poucos ingressantes possuem a autonomia da vida adulta; a questão dele ser terminal e preparar para a vida profissional; e por fim, a circunstância do ensino superior ser cursado voluntariamente, logo, por não ser obrigatório, é mais fácil decidir pelo abandono. À vista disso, é significativo que as universidades deem importância a esse evento, buscando os fortalecer nesse momento.

Conforme um estudo sobre a uso dos serviços de saúde mental em uma universidade pública do Brasil, há uma certa frequência no que se trata da procura por ajuda psicológica ser de estudantes com faixa etária entre 19 e 20 anos, afirma-se que por esses estudantes estarem em uma transição do ensino médio para o ensino superior, coincidido com a passagem para uma nova fase da vida, a de adulto jovem, a união dessas duas trajetórias repercute em um período de crises motivadas pela questão da definição da identidade sexual, profissional e ideológica, principalmente por estarem acompanhadas das mudanças relativas ao novo ambiente social e ao distanciamento da vida familiar, gerando um choque cultural para esses indivíduos que, por sua vez, pode acarretar em um estado de ansiedade (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005).

Segundo essa investigação, as queixas mais frequentes, observadas nas variáveis dos usuários que utilizavam o serviço do CAP da instituição, foram: cansaço, dificuldades de aprendizagem e de concentração, esquecimento, perturbação do sono, sentimentos de fracasso, irritabilidade, inquietação, inibição, timidez, baixa autoestima, insegurança, desânimo e dificuldades nos relacionamentos interpessoais (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005).

O conceito de Universidade Promotora da Saúde, portanto, defende a fundação de normas culturais relacionadas à promoção da saúde nas universidades e se embasa na carta de Ottawa (1986) que constitui que promover saúde abrange habilitar a comunidade a adquirir melhores condições de saúde e bem-estar, estimulando-a a ser sujeito ativo nesse movimento.

Diante disso, a carta referida descreve a instauração de políticas públicas que proporcione saúde e qualidade de vida, formação de espaços saudáveis, reestruturação de obrigações sanitárias e aperfeiçoamento de competências pessoais. Isto posto, com o suporte da Carta de Ottawa, reconhece-se que para adquirir saúde, os remédios fundamentais implicam

dispor de alimentação, paz, residência, educação, renda, recursos sustentáveis, justiça social, equidade e ecossistema estável (MOURA; RODRIGUES, 2018).

Dentro dessa perspectiva, a UPS foca na implementação de pautas relacionadas a prevenção de saúde e qualidade de vida na agenda política e curricular das instituições superiores, além de buscar coalizões com outras entidades associadas, para que assim, as ações de saúde sejam efetivadas e perpetuadas dentro dessa nova proposta institucional (ALMEIDA, 2017).

Dessa forma, ao analisar de modo geral as atividades exercidas no primeiro ano de vínculo das Universidades Promotoras da Saúde à REBRAUPS, um estudo demonstra que as UPS têm aplicado em suas agendas um olhar mais focalizado à pauta de educação em saúde, na questão de precaução de doenças, promovendo saúde, tanto no ambiente acadêmico, de forma interna, como também externa, no que diz respeito a vida da comunidade universitária para mais da esfera escolar (HARTMANN; YAMAGUCHI; ANDRADE, 2019).

O processo de aquisição do Selo Universidade Promotora de Saúde postula que a IES precisa ao menos englobar três itens contidos no método de planejamento acadêmico, que são: 1) possuir um documento de comprometimento com o prosseguimento da iniciativa; 2) estabelecer um grupo de trabalho com diferentes atores que possa implementar a proposta; 3) desenvolver um plano de ação de, no mínimo, um ano; 4) abarcar a proposta de plano de ação na comunidade (SILVA ET AL, 2019).

Além dessa exigência, outra condição incorporada nas atividades elaboradas é de que é necessário que haja ao menos um programa de tais segmentos:

Alimentação saudável, educação física; fatores psicossociais protetores; campanhas sobre o uso de tabaco, álcool e drogas e espaços livres, com atividades educativas e preventivas sobre os temas; promoção de saúde bucal; ambiente escolar saudável (HARTMANN; YAMAGUCHI; ANDRADE, 2019).

Por fim, no que corresponde aos participantes do plano de ação, a demanda orienta a integração de pelo menos três tipos de componentes na gestão do processo, tal como membros que constituem a universidade, sendo então, administradores da universidade, docentes, discentes, pais e mães de alunos e representantes da comunidade (HARTMANN; YAMAGUCHI; ANDRADE, 2019).

Pressupõe-se, no entanto, que esses requisitos podem ser estabelecidos de modos diferentes em cada instituto, em vista de que existe a presença de particularidades regionais em cada instituição, além também dos respectivos propósitos que cada instituição tem desde sua

fundação. Porém, considera-se que tais especificidades resultam em contribuições positivas nas propostas das UPS (HARTMANN; YAMAGUCHI; ANDRADE, 2019).

Apesar do pouco conhecimento no que se refere à importância da Promoção da Saúde Universitária no país, um estudo realizado por Hartmann, Andrade e Yamaguchi (2019) demonstra que algumas IES já possuíam em suas agendas ações de prevenção e promoção da Saúde no ambiente universitário, o surgimento das propostas das UPS foi visto por essas organizações como uma oportunidade de consolidar e estabelecer mais ainda essas intervenções estratégicas de promoção da saúde em suas grades e programas acadêmicos. É possível perceber também que há em algumas instituições superiores, propostas diversificadas incorporadas à concepção de Promoção da Saúde, no entanto, ainda assim essas não comunicam ou tornam público, de forma evidente, quais são as suas operações estratégicas em relação ao tema.

Vale evidenciar que grande parte das IES concordam que aderir à proposta das UPS é um grande passo para o reconhecimento do projeto como um fator importante no contexto acadêmico, principalmente no que concerne ao impacto de motivar práticas de interesse da saúde e sustentabilidade da sociedade em geral. Contudo, ainda que essas constatações sejam levadas em consideração, a visibilidade dessas realizações de PS, tanto com a comunidade interna quanto com a externa, é ínfima. Hartmann, Andrade e Yamaguchi (2019) alegam que há a possibilidade de tais obstáculos estarem na elaboração de estratégias de programas que requerem interdisciplinaridade.

Em face do exposto, a Promoção de Saúde nessas universidades atua em orientação oblíqua, posto que pretende atingir projetos específicos, da mesma forma que almeja atingir toda grade curricular. Essa definição de Promoção da Saúde está associada ao entendimento ampliado acerca da saúde, haja vista que esse pondera que para possibilitar saúde para os indivíduos, é necessário que primeiro fomente todos os aspectos da vida social desses (OLIVEIRA, 2017).

Para a construção da UPS, levando em consideração todos os aspectos citados anteriormente, é necessário, desse modo, estabelecer uma boa comunicação entre diversos setores, sendo eles: as estruturas físicas, políticas e curriculares administradas pelos gestores universitários, que se disponibilizam ao comprometimento com o desenvolver de vivências e estilos de vida saudáveis (CALA, 2012).

3. UNB COMO UNIVERSIDADE PROMOTORA DE SAÚDE

Instituída em 21 de abril de 1962, a Universidade de Brasília tem sua evolução concomitante com o progresso da Capital Federal, que foi constituída dois anos antes, em 1960. Desse modo, distinta de outras universidades federais, nas quais foram fundadas na justificativa de desenvolvimento e ocupação de espaço territorial, a universidade supracitada se destaca por evoluir para e junto ao Estado em que está inserida (ALMEIDA, C., 2020).

A instituição, portanto, é uma entidade de ensino superior que desde 2006 é multicampi, logo, possui em sua composição o campus Darcy Ribeiro, na Asa Norte, sendo esse o mais antigo, e as faculdades regionais, que tem como característica as suas especificidades de áreas, em que a Faculdade de Planaltina (FUP) tem como objetivo áreas associadas às ciências naturais e agrárias; a Faculdade Ceilândia (FCE), com cursos relacionados a área de saúde; e por fim, a Faculdade do Gama (FGA), que possui especialização em engenharias.

À vista disso, a organização oferta 138 cursos de graduação, 91 cursos de mestrado e 61 de doutorado, além de oferecer também 31 cursos de especialização, 297 de extensão e 461 projetos de extensão, agrupando, dessa maneira, na sua contextura, 39.610 alunos regulares na graduação, 8.435 alunos de pós graduação, 2.573 docentes e 3.171 técnico-administrativos.

Outro destaque da UnB se refere a instituição ser a primeira entre as universidades federais do Brasil a arquitetar em seu ordenamento administrativo uma Diretoria da Diversidade, que possui como esboço a responsabilidade de detectar, conduzir e solucionar conflagrações de grupos vulneráveis a causas discriminatórias (SILVA, 2021).

Assim sendo, a UnB é considerada uma das pioneiras, entre as instituições superiores brasileiras, que fixaram programas, orientações e políticas direcionadas à diversidade sexual, evidenciando o seu comprometimento com ações que melhorem a vida intra e extramuros de sua comunidade, uma vez que o tema de diversidade sexual está em pauta nas discussões no ambiente universitário, na qual a comunidade LGBT, mesmo estando em um cenário mais inclusivo, como o âmbito acadêmico, ainda assim sofre inúmeras formas de violência, como por exemplo sua existência sendo ignorada; obstáculos para acessar serviços de saúde mental e sexual, entre outras questões que dificultam e atingem a qualidade de vida desse coletivo, ferindo a existência desses indivíduos na academia e afetando também, dessa forma, sua permanência nesse local (SILVA, 2021).

Dentro dessa perspectiva, com o entendimento de que a universidade é responsável pelas experiências que constroem a identidade do estudante, é notável, na organização

analisada, a tentativa de combater práticas que dificultam as experiências acadêmicas dos indivíduos, além de apossar-se da responsabilidade do que diz respeito a promover uma melhor afiliação dos seus estudantes.

É interessante enfatizar que, atualmente, a Universidade de Brasília (UnB), inseriu-se no movimento internacional de Universidades Promotoras da Saúde, no entanto, há alguns anos essa já possuía em sua composição duas faculdades filiadas as UPS, sendo estas: a Faculdade de Ceilândia (FCE) e a Faculdade de Saúde (FS). Desse modo, a instauração, de forma completa, da instituição mencionada (UnB) no movimento de Promoção à Saúde assegura que sua organização, em geral, adote políticas direcionadas à Saúde da comunidade acadêmica.

Dentre os atos estabelecidos, é possível mencionar a criação da Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DASU) que foi instituída em Abril de 2019, através do Ato da Reitoria nº 0573/2019, assim como a realização da I Conferência UnB Promotora da Saúde que ocorreu em setembro de 2020, é certo de que, desse modo, apresentam-se como ações decisórias para a entrada da universidade no movimento, uma vez que depreende a importância de zelar pela saúde da comunidade acadêmica, além de compreender a necessidade de seguir três segmentos, sendo eles: dos estudantes, dos técnicos e por fim, dos professores.

Ademais, é importante destacar que a execução da Conferência mencionada ocasionou na elaboração de diversas atividades desenvolvidas com ordem, método e estruturas bem definidas, dispondo da participação dos membros da comunidade acadêmica, com a finalidade de promoção à saúde, passo esse considerado por Arroyo (2018) como extremamente importante para uma universidade promotora de saúde.

3.1 DIRETORIA DE ATENÇÃO À SAÚDE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA

A Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DASU), concebida a partir do Ato da Reitoria nº 0573/2019, com revisão feita pelo Ato da Reitoria 0845/2020, se revela como uma Diretoria que produz atividades de prevenção, promoção à saúde e cuidado psicossocial, assim sendo, tem por função metodizar políticas e táticas que geram qualidade de vida e bem-estar aos indivíduos que integram a comunidade universitária. A sua articulação é intersetorial e, portanto, seu propósito se manifesta na construção, de forma coletiva, de uma rede de bem-estar, com uma agenda respaldada em pautas que oferecem práticas de saúde, visando aplicar os princípios que caracterizam uma Universidade Promotora de Saúde.

A composição da Diretoria¹ foi estruturada a partir de quatro coordenações, na qual cada uma possui suas próprias características e competências, porém todas com o mesmo objetivo final de promover saúde e desenvolver melhor qualidade de vida para a comunidade acadêmica. Com isso, a DASU é dividida pela Coordenação de Atenção Psicossocial (CoAP), Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa (CoEduca), Coordenação de Articulação de Redes para Prevenção e Promoção da Saúde (CoRedes) e, por fim, pela Coordenação de Atenção e Vigilância à Saúde (CoAVS).

A primeira, da sua forma, atua na execução de acolhimento psicossocial, fazendo o suporte tanto psicológico quanto nutricional dos estudantes, docentes e servidores técnicos da Universidade de Brasília, sempre com o objetivo de beneficiar aqueles indivíduos que estão em um contexto de vulnerabilidade socioeconômica e crise psicológica.

A CoAP, posto isso, é integrada por profissionais de psicologia, nutrição e serviço social, em que sua função se encontra na elaboração de ações de acolhimento psicossocial, intervenção em crise, realizando grupos psicossociais e psicoterapêuticos, abarcando a intervenção grupal de prevenção, tentativa ou pósvenção de suicídio; procurando, de todo modo, orientar a comunidade acadêmica em assuntos referentes a saúde mental na esfera individual ou coletiva da universidade.

A Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa (CoEduca), por sua vez, prioriza a área educativa das UPS, destarte, sua composição é caracterizada por profissionais da educação comprometidos com o ensino acadêmico voltado para a questão do progresso humano de maneira absoluta, englobando questões que vão além da instrução técnica científica, como na formação de competências lúdicas, esportivas, artísticas, políticas e, em especial, na relação comunitária.

A Coordenação de Articulação de Redes para Prevenção e Promoção da Saúde (CoRedes), por outro lado, foca em fomentar a saúde e precaver danos do coletivo da universidade, executando isso através de acolhimentos, instruções relativas a educação em saúde e viabilizando uma melhor articulação de redes, além de também conceder breves atendimentos na esfera individual e coletiva.

A Coordenação de Atenção e Vigilância em Saúde (CoAVS) tem como meta fortalecer o campo institucional que reflete e esboça a saúde da universidade, principalmente ao ter a

¹ Informação retirada do link: <http://dasu.unb.br/institucional>

colaboração de um Núcleo de Vigilância à Saúde. A coordenação, portanto, se dedica em atividades do âmbito de pesquisa e instrução, além de rastrear continuamente a saúde da comunidade acadêmica.

Com isso, o núcleo de vigilância integrado nessa coordenação, tem como função cooperar, de forma premente, com atividades relacionadas a vigilância, inteligência e assistência, para contribuir em relação às questões de ameaças à Saúde, abarcando também agentes externos que são pilares da Vigilância em Saúde, como da Vigilância Epidemiológica, Sanitária e Ambiental da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

3.2 CONFERÊNCIA UNB PROMOTORA DE SAÚDE

A 1ª Conferência UnB Promotora de Saúde² foi planejada no formato online, sendo aberta a toda comunidade universitária. Dessa forma, ela foi estruturada por 9 grupos de trabalho - denominados GT - que debatiam acerca dos pilares fundamentais para a promoção da saúde no contexto acadêmico.

As principais pautas deliberadas pelo GT de Saúde Mental, na qual foram separadas em três campos, foram: a fortificação de eixos que possam colaborar para a saúde mental da comunidade em relação a sua vida na universidade; parcerias capacitadas que trabalhem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e interpessoais; intensificação do desdobramento de políticas de saúde mental que atinjam o coletivo acadêmico no que se refere a sua agenda, com a realização de atividades artísticas, de acolhimento biopsicossocial e espiritual, sendo necessário também atividades de combates ao preconceito, com pautas políticas de integração de estudantes vulneráveis.

O GT de Articulação de Redes para Prevenção e Promoção da Saúde refletiu, em sua agenda, a respeito da existência de esferas colaborativas, ressaltando a importância de existir um elo entre a comunidade e as ações realizadas na universidade, ademais, foi destacado também os benefícios de compartilhar saberes e técnicas com outras organizações. Desse modo, sua pauta também registrou as prerrogativas de possibilitar campanhas e serviços que combatem os danos causados à saúde e a má qualidade de vida provocada por hábitos que agravam a saúde, como o tabagismo, consumo de álcool e outras drogas e más práticas que tornam o indivíduo vulnerável a contração de doenças sexualmente transmissíveis.

² Informação retirada do link: <http://fs.unb.br/projetos-e-aco/es/i-conferencia-unb-promotora-da-saude-fs-em-movimento/1-conferencia-unb-promotora-de-saude>

O GT Processos Educativos Promotores de Saúde, por sua vez, demonstrou como planejamento a extensão de ambientes de socialização, na perspectiva de capacitar habilidades educacionais, além de também proporcionar áreas de lazer e acolhimento para a coletividade da academia. Foi pautado também quanto a elaboração de capacitações de funcionários técnicos e docentes, que difunda maior convicção a respeito da compaixão e visão de acolhimento para com a comunidade acadêmica, a fim de combater visões capacitistas, homofóbicas e racistas.

O GT Diversidade e Direitos Humanos enfatizou a necessidade de produzir um ambiente coletivo, com a finalidade de reduzir a distância entre o ambiente universitário e a sua comunidade, na mesma linha de pensamento, foi relatado sobre a opressão sofrida por pessoas LGBTQIA+, sendo destacado o Pacto Nacional Universitário, que decreta a propagação do respeito à cultura, diversidade, paz, direitos humanos e cidadania, dessa forma, foi debatido a respeito da garantia de ocorrer a consumação desse pacto através de disciplinas obrigatórias que abordam essas temáticas para todos os cursos.

O GT Ambientes Saudáveis e Sustentáveis, como já denominado, defendeu a institucionalização de ambientes temáticos, objetivando uma perspectiva sustentável. Com isso, a articulação foi embasada no desenvolvimento de ambientes transformadores, esquematizados com oficinas de arte, museus a céu aberto nos quatro campi e outras atividades que tenham como finalidade a produção de lazer para o coletivo da universidade.

O GT Acessibilidade e Inclusão Social, por sua parte, colaborou com a reflexão da urgência em concretizar ações que caracterizam a instauração de uma cultura que promova acessibilidade no ambiente acadêmico, defendendo a realização de uma Semana de Diversidade e Inclusão.

Foi cogitado também, conforme a reunião do GT em questão, esquemas de comunicação a fim de propagar informações a respeito de indivíduos da comunidade acadêmica que são portadores de deficiência, de transtornos universais de desenvolvimento e de altas capacidades/superdotação. Além do mais, foi pleiteado acerca da relevância em habilitar intérpretes de libras para executar tarefas relacionadas aos processos seletivos de acesso à universidade.

O GT de Envelhecimento Saudável e Participativo buscou expor proposições relacionadas ao idoso e a comunidade no geral, reflexionando sobre o envelhecimento e a sua relação com a ótica da grade curricular da instituição, ressaltando a demanda de estruturar projetos específicos desse tema para beneficiar toda comunidade.

O GT Saúde e Qualidade de Vida do Trabalhador discutiu sobre os funcionários que, diante da situação de isolamento social devido ao COVID-19, ainda exerciam sua função

presencialmente na universidade, enfatizando a importância de colocar na agenda a realização de uma homenagem para esses servidores. Dentre os pontos colocados em pauta, foi deliberado a fundação de ambientes educacionais bem higienizados, adoção completa do trabalho remoto, organização das passagens de acesso e limite de pessoas em cada espaço da universidade, na perspectiva de impedir a ocorrência de aglomerações. Também foi colocado em discussão assuntos referentes ao crescimento do desemprego e o reconhecimento de salas insalubres da entidade.

O GT de Vigilância em Saúde da Comunidade Universitária, por fim, trouxe como argumento a necessidade dos universitários e de toda a comunidade acadêmica participarem da demanda metodológica de vigilância e promoção da saúde em cada campi da Universidade de Brasília.

4. COORDENAÇÃO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

As ações realizadas pela Coordenação observada são diversas, ainda mais ao examinar a dimensão do período analisado, dentre essas atividades podemos identificar aquelas relacionadas a pandemia, como reuniões direcionadas ao processo de luto e acolhimento de pessoas que perderam alguém ou até mesmo foram vítimas do coronavírus e de suas consequências para a saúde, oficinas de instruções sobre a palavra como apoio, sendo também detectado grupos referentes a educação dos filhos nesse momento.

Outrossim, localiza-se oficinas de Mindfulness, reuniões que mostram aos discentes como lidar com as demandas emocionais de seus alunos, encontros que tem como intenção despertar o desejo de expressar queixas estudantis e pessoais por meio da arte, como os grupos de Psicodrama e FalArte, entre outras várias oficinas ofertadas que estão direcionadas à promoção do bem estar comunitário.

Portanto, nota-se uma dimensão de serviços ofertados, principalmente aqueles que possibilitam um maior conforto da comunidade frente aos desafios impostos pela pandemia. Dessarte, serão investigadas as atividades relacionadas à alimentação e nutrição, atendimento psicológico e psiquiátrico, a fim de compreender a maneira que a universidade estudada se atenta às questões relacionadas ao sofrimento psíquico e nutricional da sua comunidade.

Isto posto, a investigação será introduzida ao captar o método que é utilizado e organizado o atendimento na instituição, identificando dados relacionados às principais queixas emocionais e físicas apresentadas pelos indivíduos que a compõem e também a quantidade de pessoas que participam desses serviços.

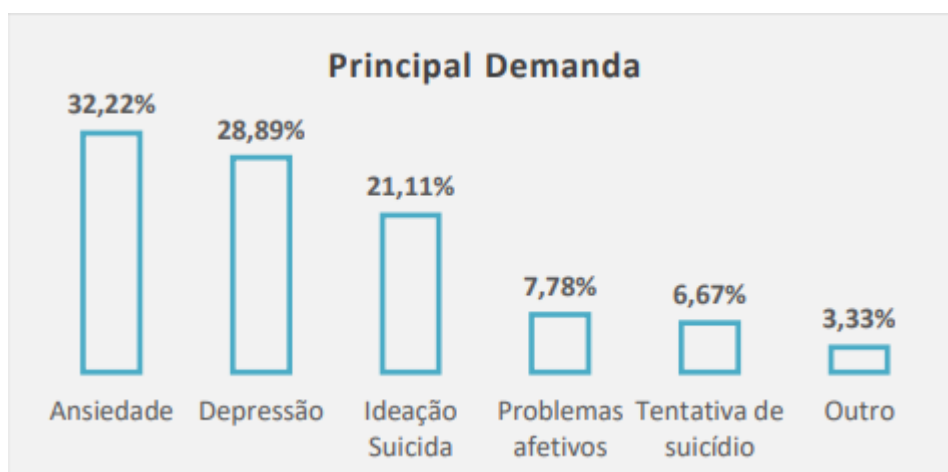
a) INTERVENÇÃO EM CRISE

A Intervenção em crise caracteriza-se pelo atendimento emergente para a comunidade acadêmica, como os discentes, professores e servidores técnicos que se encontram em um estado grave de crise psíquica, desse modo, essa escuta é técnica e tem como propósito impedir o agravamento crônico deste processo. A dinâmica da intervenção em crise ocorre por meio de atendimento presencial com agendamento prévio, além do mais, tem-se a possibilidade de monitoramento de casos quando necessário, que ocorre através de mensagens de textos ou ligações telefônicas. É interessante nessa ação que, em um cenário no qual existe a viabilidade de ameaça a vida do indivíduo, realiza-se o contato direto com familiares, intervindo sempre em benefício do paciente. Posto isso, quando a crise é contida e a pessoa se encontra em um

estado psíquico melhor, verifica-se o seu direcionamento para a rede externa ou então a alta é realizada.

A contabilização dos dados acerca das principais demandas levadas pelos usuários dos serviços internos oferecidos pela CoAP no ano de 2020 só foi feita na opção de procura de atendimento psicoterápico individual on-line, realizada através do serviço de intervenção em crise. Com isso, foram notificadas as principais demandas:

Gráfico 1: Principais Demandas do Intervenção em Crise do ano de 2020



Fonte: CoAP/DASU/DAC/UnB. Relatório de Gestão Coordenação de Atenção Psicossocial, 2020.

b) ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL INDIVIDUAL

O Acolhimento Psicossocial Individual, por sua vez, é proposto a comunidade acadêmica como um meio de escuta dos indivíduos que se situam em um momento de sofrimento psíquico, destarte, inicialmente é identificado o quadro apresentado pelo paciente para que dessa forma ocorra avaliação e direcionamento para tratamento adequado, que pode ser externo ou interno.

Esses atendimentos também requerem agendamento antecipado e são oferecidos todos os dias da semana, durante o horário de 8h às 18h. A procura pelo serviço é feita de modo autônomo e por prescrição do centro acadêmico ou outras unidades dentro da UnB, esse agendamento, desse modo, pode ser realizado por telefone, presencial ou SEI.

Levando em consideração o cenário de pandemia e isolamento social, no qual consequentemente resultou em trabalho remoto e obstáculos devido às precariedades dos serviços tecnológicos da universidade e a demanda apresentada de atendimento psicológico, a

etapa de triagem³ se tornou parte da fase inicial deste procedimento de acolhimento e escuta. Essa triagem, assim sendo, é realizada por meio de uma avaliação preliminar que ocorre ao contatar o solicitante que, mediante email, telefone ou WhatsApp, esclarece seu problema, para que assim seja possível identificar o serviço necessário e após isso ocorrer o devido encaminhamento para o especialista prescrito.

Esse processo de triagem foi desempenhado pelas assistentes sociais, psicólogas e pela coordenadora da CoAP, além dos especialistas voluntários que durante o ano de 2020 se disponibilizaram para conduzir atividades em grupo relacionadas à promoção da saúde. Dessa forma, entende-se que a triagem passou a fazer parte do acolhimento psicossocial, a fim de solucionar os problemas manifestados pela pandemia, como o aumento da busca pelo atendimento e as dificuldades associadas ao isolamento social e trabalho remoto.

É interessante acentuar que devido o início da triagem realizada em 2020, percebe-se que, nas solicitações realizadas pelo a equipe da CoAP de Abril a Dezembro, 1.028 pessoas foram atendidas; já na triagem das solicitações realizadas pelos coordenadores das ações em grupo executadas em parceria com o Subcomitê de Saúde Mental e Apoio Psicossocial, de Abril a Setembro, 311 pessoas foram atendidas, evidenciando, diante disso, a necessidade de suporte da comunidade acadêmica devido ao COVID, em que parcerias foram fundamentais durante esse processo, tanto para a execução do acolhimento ofertado quanto para notificar a respeito do trabalho oferecido pela Diretoria.

Dito isso, o fato do procedimento realizado nesse ano de 2020 ter sido atípico em relação aos outros anos investigados, a tabela abaixo não contém dados referentes a esse período, tendo em vista a escassez de dados específicos dessa ação, em que a exposição de queixas detectadas sobre essa fase se situa somente no relato da Intervenção em Crise.

Antes de observar a tabela, é importante esclarecer que pelas queixas apresentadas serem diferentes no ano de 2019 e de 2021, será explanado somente as principais demandas e a quantidade de pessoas atendida pelo serviço durante esses períodos, não contendo, assim sendo, as outras queixas e nem o número total de atendimentos realizados.

³ Fonte: CoAP/DASU/DAC/UnB. Relatório de Gestão Coordenação de Atenção Psicossocial, 2020

TABELA 1: PRINCIPAIS DEMANDAS DO ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL

Acolhimento Psicossocial			
	2019	2021	2022
Ansiedade	49	87	96
Depressão	26	32	31
Ideação Suicida	21	24	31
Tentativa de Suicídio	12	3	2
Autoconhecimento	3	4	6
Total de pessoas atendidas	173	304	247

Fonte: CoAP/DASU/DAC/UnB. Relatório de Gestão dos anos de 2019, 2021 e 2022.

A tabela exposta, resumidamente, demonstra quais os principais problemas apresentados pelos usuários do serviço de acolhimento durante o ano de 2019 até o mês de Junho de 2022, com exceção do ano de 2020. Como averiguado, a ansiedade e depressão se destacam em relação aos sintomas declarados.

Nota-se que no decorrer dos anos houve um aumento na quantidade de pessoas atendidas por esse serviço, sendo o número de pessoas acolhidas até junho de 2022 semelhante ao do ano de 2021 inteiro, logo, é esperado que até o final do ano de 2022 o número de participantes desse processo de acolhimento psicossocial seja superior aos dos anos anteriores.

c) ATENDIMENTO PSIQUIÁTRICO

O atendimento psiquiátrico ofertado é direcionado aos discentes que foram encaminhados pela DASU e que se situam em um momento de sofrimento psíquico, esse atendimento ocorre em dois períodos da semana. Ao observar dados relacionados a essa assistência, verifica-se que no ano de 2019, o número de pessoas sendo atendidas era superior aos dos anos seguintes, diferente do acolhimento psicossocial, no qual a quantidade de pessoas para receber atendimento aumenta com o decorrer dos anos.

TABELA 2: ATENDIMENTO PSIQUIÁTRICO

ATENDIMENTO PSIQUIÁTRICO				
	2019	2020	2021	2022
TOTAL DE PESSOAS ATENDIDAS	129	102	55	25

Fonte: CoAP/DASU/DAC/UnB. Relatório de Gestão dos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022.

d) NUTRIÇÃO DA COMUNIDADE ACADÊMICA

Ao investigar ações referentes a saúde alimentar do coletivo acadêmico, verifica-se que o atendimento nutricional individual só é realizado a partir de 2021, sendo antes oferecido apenas programas coletivos⁴ que dialogavam com a comunidade sobre assuntos relativos a hábitos alimentares, executando também identificações e orientações de quadros relacionados a diabetes e hipertensão da comunidade.

O primeiro projeto percebido nesse formato é o “Nutrir-se”, que tinha como objetivo proporcionar para a universidade informações sobre estilo de vida alimentar saudável e percepção corporal, sua configuração era executada em grupo, com sessões de uma hora e meia efetivada em um dia específico da semana. Focado no autoconhecimento e estilo de vida alimentar, o grupo buscava oferecer para os integrantes reflexões a respeito de nutrientes que podem auxiliar no bem-estar psíquico, visando compreender o impacto dos alimentos na qualidade de vida do indivíduo, no que tange a sua autoestima e autoimagem.

Desse modo, em 2019 o programa atendeu 8 pessoas, realizando o total de 47 atendimentos. Com as dificuldades apresentadas pela pandemia e isolamento social, o projeto no ano de 2020 ocorreu durante 3 meses, no qual em janeiro 5 pessoas foram acolhidas, com 14 atendimentos efetuados; fevereiro, por sua vez, foram atendidas 5 pessoas, com 11 atendimentos realizados; por fim, em março 2 pessoas foram acolhidas, com 2 atendimentos realizados.

A ação denominada “Hiperdia”, por conseguinte, só ocorreu no ano de 2019 e consistia em instruir e identificar casos de diabetes e hipertensão a fim de efetuar encaminhamentos necessários para tratamento desses quadros, assim sendo, essa atividade era feita em parceria com a coordenadoria de saúde em enfermagem e nutrição da CSO/DSQV, através da realização

⁴ Informações retiradas do Relatório Descritivo das ações da Coordenadoria de Prevenção COPREV/DASU/DAC/UNB de 2019

de campanhas pelo campus da universidade. Essa atividade foi bem sucedida e acolheu 109 servidores.

As “Ações de Saúde”, também com o foco em diagnosticar e aconselhar casos de hipertensão e diabetes, só ocorreu no ano de 2019 e com o propósito de realizar encaminhamentos para tratamento mediante campanhas realizadas pelos campi da Universidade, ela foi sucedida pelas nutricionistas da DASU em parceria com os Núcleos de Atenção à Saúde e efetuou a acolhida de 79 indivíduos.

No ano de 2021, como já mencionado, foi iniciado o atendimento nutricional individual, ele é apresentado no formato online, além disso, nesse período também foi oferecida a "Oficina de Nutrição", que ocorreu em maio de 2021, em que 18 pessoas participaram, com a realização de 2 sessões.

Constata-se, dessa forma, que a universidade ao decorrer do tempo foi se aprimorando nas atividades ofertadas para sua comunidade, iniciando com campanhas mais abrangentes e contando com parcerias, além disso, esse aperfeiçoamento também é observado ao notar que no decorrer do tempo é oferecido um atendimento mais específico e individual, em que o número de pessoas alcançadas no ano de 2022 até o mês de Junho é superior ao atingido no ano inteiro de 2021, como é possível perceber nos dados a seguir.

TABELA 3: ATENDIMENTO NUTRICIONAL 2021

Número de pessoas atendidas		35	
Número de atendimentos realizados		178	
Gênero			
Feminino: 30		Masculino: 5	
Estado nutricional			
Baixo peso: 6	Eutrófico: 7	Sobrepeso: 9	Obesidade: 13 (12 apresentaram Obesidade grau I e 1 pessoa apresentou obesidade grau III)
Faixa etária			
Até 24 anos: 15	25 a 29: 7	30 a 34: 1	35 a 39: 4
40 a 44: 2	45 a 49: 0	50 a 54: 4	55 a 59: 2
Vínculo			
Estudante de doutorado: 2	Estudante de mestrado: 2	Estudante Graduação: 23	Servidores: 8 (6 técnicos administrativos e 2 docentes)
Diagnóstico clínico			
Baixo peso: 3	Diabetes: 3	Dislipidemia ou doença cardiovascular: 4	Doenças autoimunes: 4
Doenças do trato digestório: 6	Hipertensão: 1	Obesidade: 9	Outro: 1
Sem doença: 4			

Fonte: CoAP/DASU/DAC/UnB. Relatório de Gestão Coordenação de Atenção Psicossocial, 2021.

TABELA 4: ATENDIMENTO NUTRICIONAL 2022

Número de pessoas atendidas		44	
Número de atendimentos realizados		192	
Gênero			
Feminino: 37		Masculino: 7	
Estado nutricional			
Baixo peso: 11	Eutrófico: 7	Sobrepeso: 10	Obesidade: (10 apresentaram Obesidade grau I e 4 pessoas apresentaram obesidade grau III)
Não informado: 2			
Faixa etária			
Até 24 anos: 28	25 a 29: 6	30 a 34: 2	35 a 39: 4
40 a 44: 3	45 a 49: 0	50 a 54: 1	55 a 59: 0
Vínculo			
Estudante de doutorado: 3	Estudante de mestrado: 1	Estudante Graduação: 38	Servidores: (2 técnicos administrativos)
Diagnóstico clínico			
Baixo peso: 10	Diabetes: 2	Dislipidemia ou doença cardiovascular: 1	Doenças autoimunes: 3
Doenças do trato digestório: 6	Hipertensão: 0	Obesidade: 13	Outro: 5
Sem doença: 4			

Fonte: CoAP/DASU/DAC/UnB. Relatório de Gestão Coordenação de Atenção Psicossocial, 2022.

Ademais, verifica-se também que a instituição busca entender o quadro clínico dos indivíduos pertencentes a sua comunidade, dando atenção às especificidades de cada pessoa. Também é notável que apesar da quantidade de pessoas atendidas seja ínfimo, levando em consideração a quantidade de indivíduos que compõem a organização estudada, o cuidado às especificidades de cada um e a preocupação em lidar de maneira ampla com essas demandas de qualidade de vida é surpreendente, demonstrando o compromisso da instituição em promover para seu coletivo um cuidado amplo para atingir o bem estar individual e social da sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa é executada a partir da compreensão da Saúde de forma ampla, pela qual compreende que saúde envolve todas as esferas da vida do indivíduo, constatando, assim sendo, que a existência de políticas públicas voltadas para promoção de bem estar e qualidade de vida é fundamental para a vida humana, principalmente no contexto universitário, em que o estudante se depara com um novo estágio da vida, no qual se submete a passar por diversas situações com forte potencial de causar danos psíquicos.

Soma-se a isso, o entendimento que a carga acadêmica produzida por estudantes de ensino superior fomenta grande parte do conhecimento científico e cultural do país, desse modo, é inquestionável que aspectos econômicos, sociais e pessoais precisam ser colocados em questão dentro da discussão a respeito da saúde do estudante de Ensino Superior, visto que demandas específicas e emergentes necessitam dessa interação.

Diante dessa linha de pensamento, é salientado que as ações de promoção à saúde são primordiais para que agentes educativos tenham consciência do seu papel na formação da identidade do estudante, haja vista que o sucesso acadêmico decorre tanto de forma institucional, afetando de maneira externa a vida do sujeito, quanto individual, nos processos internos do mesmo.

Isto posto, a relevância de pensar no valor de intervir institucionalmente para o bom desenvolvimento dos indivíduos, avaliando as formas de intervenções positivas nesse contexto é incontestável. Nesse sentido, foi relatado a respeito dos movimentos UPS, que foram impulsionados pela OMS e expõem propostas de estratégias de ambientes saudáveis, com o objetivo de atuar nos âmbitos em que ocorrem vivências cotidianas.

A investigação, portanto, ocorreu de forma específica, por meio da análise de algumas atividades da agenda de promoção da saúde da Coordenação de Atenção Psicossocial da Diretoria de Atenção a Saúde da Comunidade Universitária da Universidade de Brasília, na tentativa de entender as estratégias realizadas pela instituição em questão, compreendendo seus avanços no que concerne o cuidado com a saúde psíquica e alimentar do coletivo universitário.

É constatado, a partir da realização dessa investigação, que a Universidade de Brasília tem se desenvolvido de maneira positiva nessa pauta de promoção da saúde universitária, tendo um olhar de acolhimento frente às necessidades psíquicas de sua comunidade acadêmica. Apesar da delimitação do presente estudo, percebe-se o forte impacto que essas ações têm para

a instituição e para a produção acadêmica brasileira de políticas direcionadas à promoção e prevenção de doenças no contexto universitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. B. P. et al. Avaliação do comportamento alimentar de estudantes universitários. *Nutrire*. São Paulo, v. 38, p. 411, 2013.

ALMEIDA, Christiane Miranda Fontes de. Universidade pública e seu entorno: bibliometria, estado das artes e evidências empíricas: lições para a universidade de Brasília no seu relacionamento com sua comunidade .2020. 81 f, il. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ALMEIDA, Jorge André Sevilis. A Universidade de Brasília é promotora de Saúde? A percepção de alunos dos cursos de saúde. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

Andrade, A. G. de.; Silveira, C. M. Problemas comportamentais ligados ao uso de álcool. *Revista USP*, (96), 2013. 7-22. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i96p7-22>

Andrade, E. R.; Sousa, E. R.; Minayo, M. C. S. Intervenção visando a auto-estima e qualidade de vida dos policiais civis do Rio de Janeiro. *Ciênc. saúde coletiva*, 14(1). 2009. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100034&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 18 out. 2022

ARROYO, H. V. El movimiento de universidades promotoras de la salud. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, [S. l.], v. 31, n. 4, 2018. DOI: 10.5020/18061230.2018.8769. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/8769>. Acesso em: 20 out. 2022

BARBOSA, M. A. G.; ALMEIDA, A. M. R.; FIGUEIREDO, M. A.; NEGROMONTE, A. G.; SILVA, J. S. L. da; VIANA, M. G. S.; GALVÃO, G. K. C. Alimentação e diabetes mellitus: percepção e consumo alimentar de idosos no interior de Pernambuco. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 370–378, 2015. DOI: 10.5020/18061230.2015.p370. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/3691>. Acesso em: 5 nov. 2021.

BARROSO, S. M.; OLIVEIRA, N. R. de; ANDRADE, V. S. de. Solidão e Depressão: Relações com Características Pessoais e Hábitos de Vida em Universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S. l.], v. 35, 2019. DOI: 10.1590/0102.3772e35427. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/23496>. Acesso em: 19 out. 2022.

BISINOTO, C.; MARINHO-ARAÚJO, C. Sucesso acadêmico na Educação Superior: Contribuições da Psicologia Escolar. 2014. *Revista E-Psi*, 4(1), 28-46.

BRANDEN, N. Los seis pilares de la autoestima. Barcelona: Paidós, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. As Cartas da Promoção da Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Detecção do uso abusivo e diagnóstico de dependência de substâncias psicoativas: módulo 3 / coordenação do módulo Ronzani TM. 4. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011c. 70p. In: SUPERA: Sistema para detecção do uso abusivo e

dependência de substâncias psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento / coordenação geral Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Maria Lucia Oliveira de Souza Formigoni.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. 3. Ed. Brasília, 2010.

BRASIL. O uso de substâncias psicoativas no Brasil: Epidemiologia, Legislação, Políticas Públicas e Fatores Culturais: módulo 1 / coordenação do módulo Andrade TM. 4. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011a. In: SUPERA: Sistema para detecção do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento / coordenação geral Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Maria Lucia Oliveira de Souza Formigoni. 62p.

BRASIL. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira de 15 a 64 anos 2008. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais; 2011b. 130p.

BRITO, B. J. Q.; GORDIA, A. P.; QUADROS, T. M. B. Estilo de vida de estudantes universitários: estudo de acompanhamento durante os dois primeiros anos do curso de graduação. *Medicina (Ribeirão Preto)*, [S. l.], v. 49, n. 4, p. 293-302, 2016. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.v49i4p293-302. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/122721>. Acesso em: 18 set. 2022.

CABANACH, R.G, et al. Relaciones entre autoestima y estresores percibidos en estudiantes universitarios. *Eur. j. educ. psychol*, 2014; 7(1): 43-57.

Cacioppo, J. T.; Hawley, L. C.; Ernst, J. M.; Burleson, M.; Berntson, G. G.; Nouriani, B.; Spiegel, D. Loneliness with nomological nets: An evolutionary perspective. *Journal Research in Personality*, 40, 1054-1085, 2006.

CALA, M. L. P. Universidades Saludables: los jóvenes y la salud. *Archivos de Medicina*. V. 12, n 2, 2012. Issn:1657-320

CAMARGO, Murilo S. de. Universidade Pública Brasileira: Reformas e Inovações Necessárias. In: VII Taller Internacional de Universalización de la Universidad do Congresso Universidad 2018, 2018, Havana. Congresso Universidad 2018. Havana: Palcograf, 2018. p.303 – 312

CANSIAN, A. C. C. et al. Avaliação da ingestão de frutas e hortaliças entre estudantes universitários. *Nutrire*. São Paulo, v. 37, n. 1, p. 54-63, 2012.

CARTA DE OTTAWA. Primeira conferência internacional sobre promoção da saúde. Ottawa, nov. 1986. Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf> Acesso em: 03 de jan. 2022.

CASTRO, R.V, ALMEIDA, L.S. Ser estudante no ensino superior: Observatório dos percursos académicos dos estudantes da UMinho. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd) e Instituto de Educação, Universidade do Minho: 2016.

CERCHIARI, Ednéia Albino Nunes; CAETANO, Dorgival; FACCENDA, Odival. Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 25,

n. 2, p. 252-265, June 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Dec. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000200008>

COMELLO, Maria Leonora; SLATER, Michael D. Effects of adverts from a drug and alcohol prevention campaign on willingness to engage in alcohol-related risky behaviors. In: *J Health Psychol*, n.16, p. 1268-76, 2011. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3196782/pdf/nihms315463.pdf>. Acesso em 05 nov 2021.

CORREA, H.; BARRERO, S. P. O suicídio: definições e classificações. In: H. Correa, & S. P. Barrero (Orgs.), *Suicídio uma morte evitável* (p. 29-36). São Paulo, Atheneu, 2006.

DE ASSIS, A. D.; DE OLIVEIRA, A. G. B. Vida universitária e Saúde Mental: Atendimento às demandas de saúde e Saúde Mental de estudantes de uma universidade brasileira. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, [S. l.], v. 2, n. 4-5, p. 163-182, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68464>. Acesso em: 22 mar. 2022

DE OLIVEIRA MOREIRA, Lenice Carrilho; DE OLIVEIRA BASTOS, Paulo Roberto Haidamus. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura.

DIRETORIA DE ATENÇÃO À SAÚDE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA. RELATÓRIO DESCRITIVO DAS AÇÕES DA COORDENADORIA DE PREVENÇÃO COPREV/DASU/DAC/UNB. PERÍODO “AGOSTO A DEZEMBRO/2019” . Disponível em:<http://dasu.unb.br/images/Transparencia/Coap/Relatrio_Descritivo_de_2019_-_DASU_UnB_Verso_FINAL.pdf>

DIRETORIA DE ATENÇÃO À SAÚDE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA. RELATÓRIO DE GESTÃO COORDENAÇÃO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL - ANO 2020 CoAP/DASU/DAC/UNB . Disponível em: <http://dasu.unb.br/images/Transparencia/Coap/Relatrio_de_Gesto_CoAP_ANO__2020_Verso_FINAL.pdf>

DIRETORIA DE ATENÇÃO À SAÚDE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA, Universidade de Brasília. Relatório Anual Coordenação de Atenção Psicossocial Ano de 2021. Disponível em: <http://dasu.unb.br/images/Transparencia/Coap/Relatorio_Final_da_CoAP_Ano_2021.pdf>. Acesso em: 5 set. 2021.

DIRETORIA DE ATENÇÃO À SAÚDE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA, Universidade de Brasília. RELATÓRIO SEMESTRAL JANEIRO A JUNHO DE 2022 COORDENAÇÃO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL <http://dasu.unb.br/images/Transparencia/Coap/Relatrio_Semestral_Jan_a_Jun_2022_CoAP.pdf>

Ellwardt, L.; Aartsen, M.; Deeg, D.; Steverink, N. Does loneliness mediate the relation between social support and cognitive functioning in later life?. *Social Science & Medicine*, 98, 116-124. doi:10.1016/j.socscimed, 2013.

FEITOSA, E. P. S. et al. Hábitos alimentares de estudantes de uma Universidade pública no Nordeste, Brasil. *Alim. Nutr. Araraquara*, v. 21, n. 2, p. 225-230, 2010.

FERREIRA, S. A. S. Estratégias de diálogo com o estranhamento no começo da vida universitária: políticas de acolhimento e permanência na Universidade Federal do Sul da Bahia. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, v. 3, n. 2, p. 291–307, 2017. DOI: 10.22348/riesup.v3i2.7757. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650605>. Acesso em: 20 set. 2022.

FORMIGA, Nilton S.; OMAR, Alicia Graciela; AGUIAR, Marcos. Busca de sensação e uso potencial de drogas em universitários brasileiros. *Psic. Rev. São Paulo*, v.19, n.1, p.97- 118. 2010.

Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. V Pesquisa do Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior. 2019, Brasília, DF: FONAPRACE. Recuperado de <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/VPesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-eCultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>

GENRO, T. Reforma Universitária. *Revista Espaço Pedagógico*, 11(1), 9-19, 2004

FS EM MOVIMENTO. Comunica FS. 1ª Conferência UnB Promotora de Saúde, 2020. Disponível em: <<http://fs.unb.br/projetos-e-acoes/i-conferencia-unb-promotora-da-saude-fs-em-movimento/1-conferencia-unb-promotora-de-saude>> Acesso em: 20 abril. 2022.

Hackett, R. A.; Hamer, M.; Endrighi, R.; Brydon, L.; Steptoe, A. Loneliness and stress-related inflammatory and neuroendocrine responses in older men and women. *Psychoneuroendocrinology*, 37(11), 1801-1810. doi:10.1016/j.psyneuen. 2012.

HARTMANN, Jane; YAMAGUCHI, Mirian; ANDRADE, G. R. . Universidades Promotoras da Saúde (UPS) - Breve Mapeamento do Cenário Brasileiro Atual. 2019

Hernán, Mariano.; Fernandez, Alberto.; Ramos, María. Revisão dos trabalhos publicados sobre a promoção da saúde em jovens espanhóis. 2001. *Revista Española de Salud Pública*, 75 (6),491-504. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=17075602>

HOLT, Maxine; POWELL, Susan. Healthy Universities: a guiding framework for universities to examine the distinctive health needs of its own student population. *Perspectives in Public Health*, [S.l.], v. 137, n. 1, p. 53-58, 21 jul. 2017. Sage Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1757913916659095>.

IZEL, Adriana. Conferência virtual e gratuita debaterá políticas de promoção da saúde na UnB. *Correio Braziliense*, 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2020/10/4882884-conferencia-virtual-e-gratuita-debaterá-políticas-de-promocao-da-saude-na-unb.html>>. Acesso em: 29 de Janeiro de 2022.

Izzo, P. M.; Vieira, R. L. D.; Novello, D.; Saldon, P. C.; d'Agostini, L. Diabetes mellitus: experiência de crianças e adolescentes em relação à sua alimentação no ambiente escolar. 2013. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*,11(2), 156-170.

MARCOLAN, João Fernando. Pela política pública de atenção ao comportamento suicida. *Revista Brasileira de Enfermagem*. São Paulo. v. 71, suppl. 5, p. 2479-2483. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0256>. Acesso: 12/09/2022.

MASCARENHAS, S.; PAIS-RIBEIRO, J. L. Diferenças de gênero verificadas na ocorrência dos fenômenos ansiedade, depressão e estresse na universidade – uma investigação com estudantes da Amazônia. In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PSICOLOGIA, 2011, Salvador. Anais [...]. Salvador – Bahia, 20

MARTINS, A. P. B. É preciso tratar a obesidade como um problema de saúde pública. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, [S. l.], v. 58, n. 3, p. 337–341, 2018. DOI: 10.1590/S0034-759020180312. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/74984>. Acesso em: 2 nov. 2021

MELLO, A. L. S. F.; MOYSÉS, S. T.; MOYSÉS, S. J. A universidade promotora de saúde e as mudanças na formação profissional. *Interface*. v. 14. n. 34, 2010.

MONTEIRO, Carlos Augusto; LOUZADA, Maria Laura da Costa. Ultraprocessoamento de alimentos e doenças crônicas não transmissíveis: implicações para políticas públicas. In: Observatório internacional de capacidades humanas, desenvolvimento e políticas públicas: estudos e análises 2. 2015. p. [18]-[18].

Moura, L.; Rodrigues, N. Universidade promotora de saúde: o percurso da Faculdade de Ciências da Saúde- Universidade de Brasília: Brasília: Universidade de Brasília. 2018.

OLIVEIRA, Cristiano de Souza. A Universidade Promotora da Saúde: uma revisão de literatura. Salvador, 2017.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de; PADOVANI, Ricardo da Costa. Saúde do estudante universitário: uma questão para reflexão. *Ciênc Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 995-996, mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000300995. Acesso em: 4 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. Obesity: Preventing and managing the global epidemic. Report of WHO Consultation on Obesity. Geneva: WHO, 1998.

Organização Pan-Americana de Saúde. (2018). Folha informativa: Depressão. Brasília, DF: Author. Recuperado de https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095

PENAFORTE, F. R. O.; MATTA, N. C.; JAPUR, C. C. Associação entre estresse e comportamento alimentar em estudantes universitários. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 225-237, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/demetra.2016.18592>. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/18592>. Acessos em: 10 jun. 2022.

PEREIRA, H. P., et al. Bem-estar psicológico e autoestima em estudantes universitários. *Revista iberoamericana de psicología del ejercicio y el deporte*. v. 12, n. 2, p. 297-305. 2017.

PILLON, S. C. ; CORRADI-WEBSTER, C.M. . Teste de identificação de problemas relacionados ao uso do álcool entre estudantes universitários. *Revista Enfermagem (UERJ)* , v. 14, p. 325-331, 2006

PONTE, M. A. V.; FONSECA, S. C. F.; CARVALHAL, M. I. A universidade como espaço promotor de culturas saudáveis. *Revista Contexto & Educação*, v. 34, n. 107, p. 288-298, 2019. Disponível em:<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8547>. Acesso em: 5 set. 2021.

POULAIN, J.; PROENÇA, R. P. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. *Revista de Nutrição, Campinas*, v.16, n.4, p.365-386, 2003.

Rhodes, J. L. Loneliness: How superficial relationships, identity gaps, and social support contribute to feelings of loneliness at Pepperdine University. *Pepperdine Journal of Communication Research*, 2(3), 2014.

VIEIRA, Sonia. Como elaborar questionários, São Paulo: Editora Atlas, 2009, ver especialmente dicas sobre elaboração de questões, cap. 4.

SÁ-SILVA, Jackson; ALMEIDA, Cristóvão Domingos e Joel GUINDANI, “Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas”, em: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, ano I, número I, julho de 2009.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO UNB. Evento na FS lança Rede Brasileira de Universidades Promotoras de Saúde. Disponível: . Acesso em: 29 de Janeiro de 2021.

SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS. II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005 / Carlini EA (supervisão) [et. al.], São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo; 2006.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS. I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras Organizadores Andrade AG, Duarte PAV, Oliveira, LG. Brasil: Brasília; SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Droga; OBID - Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas, GREA/IPQ-HC/FMUSP - Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas. 2010. 284p.

SCHULTHEISZ, T. S. V., APRILE M. R. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*.v.5, n.1, p. 36-48, 2013.

SICHERI, R. et al. Recomendações de alimentação e nutrição saudável para a população brasileira. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, São Paulo, v.44, n.3, p.227-232, 2000.

SILVA, A. H.; VIEIRA, K. M. Síndrome de Burnout em estudantes de pós-graduação: análise da influência da autoestima e relação orientador-orientando. *Revista Pretexto*, v. 16, n. 1, p. 52-68, 2015.

Silva D. A. da. A autoestima e o comportamento suicida em estudantes universitários: uma revisão da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 23, p. e422, 18 maio 2019.

SILVA, Danuzio Weliton Gomes da. O papel do ativismo político na promoção da diversidade LGBT na Universidade de Brasília. 2021. 208 f., il. Tese (Doutorado em Administração)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, Meirele Rodrigues Inácio da et al. Processo de Acreditação das Escolas Promotoras de Saúde em âmbito mundial: revisão sistemática. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.24 n.2, p.475-486, fev..2019. Disponível em: . DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018242.23862016>. Acesso em: 10 de março de 2022.

Silveira, C., Norton, A., Brandão, I., & Roma-Torres, A. (2011). Saúde mental em estudantes do ensino superior: Experiência da consulta de psiquiatria do Centro Hospitalar São João. *Acta Médica Portuguesa*, 24(S2), 247-256. Recuperado de [https:// www.actamedicaportuguesa.com](https://www.actamedicaportuguesa.com)

Souza, D. C. (2017). Condições emocionais de estudantes universitários: Stress, depressão, ansiedade, solidão e suporte social (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil. Recuperado de <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/507>

Tyler, J., Hawkey, L. C., Thisted, R. A., & Cacioppo, J. T. (2011). A marginal structural model analysis for loneliness: Implications for intervention trials and clinical practice. *Journal of Consulting and Clinic*

Tsouros, A., Dowding, G. Thompson, J., & Dooris, M. (1998). Health promoting universities: concepts, experience and framework for action. World Health Organization: Regional Office for Europe, Copenhagen.

Veríssimo, A; Costa, R.; Gonçalves, E.; Araújo, F. (2011). Níveis de Stress no Ensino Superior, *Revista Psicologia e Educação*, 2011, Vol. Branco 1,2, pp. 41-48